

Desafios à Terceira Via

LUCIO ALCANTARA

Assistimos, nos últimos anos, à volta ao poder de partidos identificados com a social-democracia na Itália, França, Inglaterra e Alemanha. Nos Estados Unidos, o retorno dos democratas, após 12 anos de presidência republicana, pode também ser visto hoje como indicador de mudança no voto dos países desenvolvidos. Essa mudança incorporou ao debate teórico e político o surgimento de uma terceira via, distinta das políticas de inspiração liberal, esposadas pelo conservadorismo, mas diferente também da política de esquerda de cunho tradicional. A questão fundamental é: encontramos-nos diante de uma mudança de âmbito profundo, que condena as velhas políticas de esquerda ao fracasso, ou tudo não passa de desencanto do eleitorado com os governos de ocasião? Vale lembrar que, ao invés de eliminar os mecanismos de mercado criados com o capitalismo, a partir da revolução industrial, como quis o socialismo, a social-democracia postulou sua correção através da regulação estatal. Ao Estado também caberia sanar as mazelas sociais causadas pelo sistema capitalista. Seria a criação do Estado do Bem-Estar Social. O Reino Unido, até o meio da década de 60, e os países nórdicos, até o início da década seguinte, vivenciaram este controle do Estado na economia e a igualdade mais intensa das condições de vida. Mas o fim da década de 70 marcou uma reação conservadora. Políticas voltadas para a diminuição do Estado saíram vitoriosas na Inglaterra e nos Estados Unidos. O neoliberalismo passou a ganhar terreno no continente europeu. Cabe aqui perguntar se essa onda conservadora poderia ser evitada e mesmo revertida, sem alterações nas diretrizes políticas da social-democracia. A meu ver, a resposta é não. Está claro que as conseqüências da revolução científico-tecnológica iniciada na década de 70 solaparam as premissas relacionadas pelo sociólogo Anthony Giddens para o sucesso da social-de-

mocracia. Estas premissas supunham, primeiramente, uma estrutura familiar onde cabia ao homem a provisão de recursos, e, à mulher, cuidar dos filhos e da casa. Assim, a população empregada estaria reduzida à metade. A ameaça de desemprego incidiria sobre o trabalhador manual, que poderia encontrar novos empregos no mesmo setor da economia, ou em outros. Ênfase seria dada à produção em massa, garantindo estabilidade relativa das condições de trabalho. E as economias nacionais estariam contidas em limites soberanos, ou seja, os Estados nacionais determinaríamos o tipo de política em suas fronteiras. Ora, a informática e a robótica indicam a redução acelerada, e mesmo a eliminação, do trabalho manual. Reduzem-se os postos de trabalho, ao tempo que aumentam as exigências de qualificação. A estabilidade de trabalho evapora-se. A produção em massa sofre uma reestruturação completa e indústrias inteiras abandonam países e continentes. A perda de controle estatal, resultado de uma interdependência global de raízes tecnológicas, acentua esse processo. Fluxos de capital de montante considerável migram ao sabor da lucratividade imediata, desestabilizando economias nacionais. A estrutura familiar muda, aumentando o número de famílias uniparentais e o de mulheres no mercado de trabalho. As demandas sobre o Estado de Bem-Estar aumentam e o sistema torna-se então ineficiente, gerando o descontentamento do cidadão que se manifesta em prol das alternativas fáceis do neoliberalismo que pregam menos Estado, menos impostos, e a segurança social como responsabilidade exclusivamente individual.

Daí ser necessária a construção de uma terceira via, que é a atualização da social-democracia, tornando-a apta a enfrentar os desafios da contemporaneidade. A terceira via sabe que a prosperidade material com que o mercado acena é necessária e deve ser perseguida. Sabe, contudo, que vem acompanhada por desigualdade, miséria e desemprego. É, portanto, necessário que nós brasileiros, de diferentes simpatias e filiações partidárias, unidos pelas idéias de que a igualdade de condições sociais não brota naturalmente do funcionamento do mercado, mas é fruto de uma construção política, debatamos as condições para a consolidação de uma nova política nacional.